

SOBREVIVÊNCIA, SOLIDARIEDADE, RESISTÊNCIA E RESPONSABILIDADE SOCIAL

Cristiane Izumi Nakagawa



Data de Nascimento: 17/04/1982
Nacionalidade: Brasileira
Contato: cristiane.izumi@gmail.com

Atuação: Psicóloga Social e Psicanalista Clínica; Coordenadora do Núcleo de Estudos e Trabalhos Terapêuticos (NETT);

Possui graduação e pós graduação (mestrado e doutorado) em Psicologia pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Tem experiência na área de Psicologia Social e Psicanálise, atuando principalmente nos seguintes temas: trauma, memória, violência, cultura, política e desenvolvimento humano. É uma das fundadoras e coordenadoras do Núcleo de Estudos e Trabalhos Terapêuticos (NETT) e tradutora de diversos livros que abordam o tema da psicanálise e cultura.

Formação Acadêmica

2016-2020: Doutorado em Psicologia Social pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (Concluído); Auxílio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP);

Título do Trabalho: *Trauma e Sentido, Culpa e Perdão, Vergonha e Honra nos Hibakushas: um estudo de testemunhos e seus paradoxos*

2018: PhD Fellowship em Hiroshima City University; Auxílio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (BEPE/FAPESP);

2016-2017: PhD International Program em Birkbeck University of London;

2011-2014: Mestrado em Ciências pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (Concluído); Auxílio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES);

Título do Trabalho: *Hiroshima: a catástrofe atômica e suas testemunhas*

2005-2009: Graduação em Psicologia pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (Concluído);

1993-1999: Ensino Fundamental I, II, Ensino Médio em Colégio Bandeirantes;

Produção Bibliográfica

Livros:

1) *Órfãos de Hiroshima*

Autor: Cristiane Izumi Nakagawa

Benjamin Editorial, 2015, 48p.

2) *Hiroshima e Nakagsaki: testemunho, inscrição e memórias das catástrofes*

Organização: Paulo Cesar Endo e Cristiane Izumi Nakagawa

Benjamin Editorial, 2015, 192p.

Apoio: Fundação Japão.

3) *Ayumi*

Autor: Cristiane Izumi Nakagawa

Ilustrador: Vitor Flynn Paciornik

Benjamin Editorial, 2016, 32p.

Versão: português e inglês;

Apoio: Fundação Kunito Miyasaka.

Tradução de Livros:

1) *Assombrações: Psicanálise e Transmissões Fantasmagóricas*

Autor: Stephen Frosh

Tradutor: Cristiane Izumi Nakagawa

Benjamin Editorial, 2017.

2) *As Políticas da Psicanálise: uma introdução à teoria freudiana e pós-freudiana*

Autor: Stephen Frosh

Tradutor: Cristiane Izumi Nakagawa

Benjamin Editorial, 2019.

3) *Japão em Análise: culturas do inconsciente*

Autor: Ian Parker

Tradutor: Cristiane Izumi Nakagawa

Benjamin Editorial, 2020.

Resumo

A pandemia do Covid-19 que assolou o mundo em 2020 – e ainda em curso – trouxe consigo muitos desafios a serem enfrentados pelos governos e populações ao redor do mundo, e justamente porque cada nação possui, entre outros, uma história, uma cultura, e um modo de compreender e fazer política própria, uma ação única mundial para o combate do novo vírus não foi possível. Nesse contexto, o presente artigo busca traçar um argumento que provoque reflexões acerca das medidas adotadas pelo país no combate ao novo vírus. Para tanto, será discutido o sentido da palavra sobrevivente e, através desse, o desenvolvimento dos sentimentos de solidariedade, resistência e responsabilidade social partindo de um recorte histórico que foi o bombardeio atômico da cidade de Hiroshima em 6 de agosto de 1945.

Palavras-chave

Pandemia; Covid-19; Sobrevivência; Solidariedade; Resistência; Responsabilidade Social; Hibakushas; Bombardeio Atômico de Hiroshima;

Sobrevivência, solidariedade, resistência e responsabilidade social

Em 2020, o mundo foi tomado pela pandemia do Covid-19, e cada país, estado, cidade e município ao redor do globo adotou medidas particulares para combater a disseminação do vírus, levando em conta suas especificidades econômicas e políticas, e contando com suas estruturas de saúde e organização da população local. Houve discussões globais sobre quais as medidas mais adequadas a serem adotadas, buscando tanto a preservação da vida, com ações voltadas a reduzir a exposição das pessoas ao vírus, quanto a manutenção das atividades comerciais, de modo a mitigar os efeitos da crise econômica.

O Brasil e os Estados Unidos são dois dos casos em que a organização no cenário pandêmico fracassou, tendo o Brasil superado a marca de 230 mil mortos em fevereiro de 2021. Por outro lado, há países que tiveram menores números de óbitos e demonstraram melhor manejo da pandemia, a exemplo da Nova Zelândia e, no caso específico desse artigo, o Japão. O que ambos parecem ter em comum é a adoção de medidas pautadas por um profundo conhecimento de suas próprias histórias, da construção de suas culturas, do conhecimento de seu povo e suas particularidades políticas e econômicas.

No caso específico do Japão, o país adotou medidas que, a princípio, foram consideradas controversas, pois o país decidiu por não manter uma política de confinamento e isolamento social por longos períodos, sendo acusado de estar priorizando os interesses econômicos do país em detrimento da vida de sua população. No entanto, as autoridades japonesas alegaram que a questão econômica estava sendo levada em consideração, mas não era o ponto prioritário. Afirmaram que seu grupo de especialistas estudaram o novo vírus e chegaram à conclusão de que seria impossível erradicá-lo, e que, portanto, a ação que contemplava todos os fatores considerados – humano, econômico e político – seria ensinar a população a conviver com o novo vírus.

Aparentemente, essa decisão apoiou-se no histórico do país em relação ao combate de outras pandemias e epidemias, as quais já incorporaram à cultura japonesa o distanciamento social e o uso de máscaras para evitar a disseminação de vírus ou bactérias. Mas para além dos elementos pontuais, de ações a serem tomadas no cotidiano das pessoas, o governo japonês parece contemplar o sentimento de responsabilidade social que sua população carrega em suas relações. Esse sentimento constitui-se como um traço cultural de seu povo, e foi cultivado através de atos de resistência, solidariedade e sobrevivência; em outras palavras, através de sucessivas experiências de perda e sofrimento. Vejamos um exemplo.

Sobrevivência

No dia 6 de agosto de 1945, às 8:15 da manhã, no contexto da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), os Estados Unidos lançaram a primeira bomba atômica usada contra seres humanos, a qual explodiu no céu claro da cidade de Hiroshima, Japão. Calcula-se que havia aproximadamente 350.000 pessoas na cidade naquele dia, sendo apenas 40.000 ligadas às forças militares. Em um único golpe, a bomba matou milhares de pessoas instantaneamente e outras milhares ao longo dos dias e meses seguintes. A cidade de Hiroshima calcula que até dezembro de 1945 aproximadamente 145.000 pessoas morreram em decorrência dos efeitos do ataque nuclear (HIROSHIMA PEACE MEMORIAL MUSEUM, 1999).

Naquele dia e horário, Yoshi Muraki estava dentro do prédio de sua escola pronta para começar suas atividades diárias quando ouviu o barulho de aviões B-29. Foi surpreendida por um clarão amarelo muito intenso, uma explosão ensurdecedora e, em seguida, desmaiou. Ao recobrar a consciência, percebeu espantada que estava debaixo da calha de uma casa, e não em sua escola. Confusa, olhou para o lado e viu um estudante inconsciente com os olhos perfurados por estilhaços de vidro. Percebeu que estava tudo escuro e que, apesar de soterrada, podia se mexer. Saiu debaixo dos escombros e viu que tudo ao seu redor estava destruído (FURUYA, 2005)

Em uma capela, Sueko Kamatsuka¹ estava esperando o início da missa quando a explosão derrubou a estrutura do prédio, soterrando-a sob as ruínas. Como Muraki, conseguiu se desvencilhar dos escombros e viu uma Hiroshima totalmente destruída. Reparou que não havia construções em pé e que não havia espaço para caminhar devido aos detritos que se espalhavam por todos os lados. Encontrou alguns colegas e, juntos, decidiram caminhar em direção ao refúgio que lhes fora designado pelas autoridades da cidade em caso de bombardeio. Preparados para partir, Kamatsuka ouviu pedidos abafados de socorro:

Apesar de ninguém visível, eu podia dizer que, devido à quantidade de gemidos, havia muitas pessoas presas embaixo da parede derrubada. Nós tentamos levantar a parede, mas somente com a força de algumas garotas a parede não se movia. Nós chamávamos pelos nossos colegas de sala soterrados embaixo da parede para os encorajar; não havia mais nada que pudéssemos fazer. O tempo passou em frustração. Não sabíamos mais o que fazer. Foi quando nosso diretor da escola, Sr. Takuo Matsumoto, apareceu e nos mandou fugir. “É uma bênção vocês terem sobrevivido. O fogo está se aproximando, então eu quero que vocês escapem imediatamente para o Mt. Ushita. Certo?”, ele disse, quase gritando. Percebemos que havia chegado a hora de dizermos adeus para nossos amigos. Ficávamos olhando para trás, pedindo desculpas em nossos corações e juntando nossas mãos em oração. Eu ainda, até hoje, ouço meus amigos suplicando por ajuda. (FURUYA, 2005, p. 72, tradução nossa)



Com base na história da sobrevivente Sadako Sasaki, que morreu em decorrência dos efeitos da radiação aos 12 anos de idade e que acreditava que se dobrasse mil tsurus de origami teria um desejo realizado, o de viver, atualmente o Memorial da Paz de Hiroshima recebe milhares de dobraduras coloridas de tsurus vindas do mundo inteiro, enviadas em homenagem aos sobreviventes da bomba atômica e transmitindo votos pela paz mundial.

(Foto: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:HiroshimaPaperCranes6682.jpg>)

¹ Sobrevivente da bomba de Hiroshima. Tinha 17 anos em 1945 (FURUYA, 2005, pp. 69-80).

Mitsuko Koshimizu acordou coberta de sangue da amiga que, alguns minutos antes, estava conversando animadamente com ela. Assustada, ela desvencilhou-se dos escombros e, ao começar a caminhar, ouviu uma amiga pedindo ajuda. Fez de tudo para desenterrá-la, mas sem sucesso, e sabe que jamais se esquecerá do desespero da amiga frente à possibilidade de morrer no fogo:

“Por favor, me ajude! Corte minha perna para me salvar!” gritou minha amiga. Era um choro estridente de alguém que estava encarando a morte. O fogo que nos cercava estava se aproximando. Eu ainda posso ouvir a voz da minha amiga ressoando no meu ouvido. Tudo o que eu pude dizer foi: “Eu sinto muito, eu realmente sinto muito por não poder te salvar.” Ela ficou em silêncio com minhas palavras. Seu silêncio me agarrou de tal forma que eu não consegui fugir. (FURUYA, 2005, p. 109, tradução nossa)

A aproximação da noite fez com que as chamas que queimavam Hiroshima ficassem mais vivas. Muitas pessoas relatam ter passado horas olhando para o fogo ao anoitecer, paralisadas, sem conseguirem sentir ou pensar. Fusako Nobe afirma que passou a noite na margem de um rio, onde havia centenas de pessoas com queimaduras, desfiguradas e inchadas. Viu a cidade ser engolida pelas chamas que contornavam inúmeras silhuetas de corpos. Mesmo aqueles que estavam a certa distância dos incêndios relatam o horror de sentirem a brisa quente carregada de um cheiro forte de carne humana sendo queimada (FURUYA, 2005).

Esses breves, mas poderosos relatos das cenas de terror vividas pelos sobreviventes do bombardeio atômico de Hiroshima evidenciam a dificuldade de transmissão daqueles que narram, e também a apreensão daqueles que ouvem o que foi aquela catástrofe da perspectiva dos *hibakushas*². Essa dificuldade é inerente ao fato de se tratar de cenas traumáticas, cenas que, no caso de Hiroshima e de outras catástrofes produzidas pelo homem, os olhos humanos não deveriam testemunhar. O evento atingiu milhares de pessoas direta e indiretamente, e impôs aos que sobreviveram a árdua luta de continuarem contando e revisitando tais cenas na intenção de preservarem as memórias dos que morreram. Esse relembrar necessita exatamente da fala dos *hibakushas*, pois milhares de pessoas, de objetos, roupas, utensílios domésticos herdados e guardados com cuidado e carinho ao longo de décadas, documentos, fotografias, cartas, entre outros inúmeros materiais que contam histórias de indivíduos e famílias, foram destruídos na explosão que assolou Hiroshima.

Sobreviver implica sobrevivência psíquica, e esta, por sua vez, envolve a percepção por parte do sobrevivente de que um evento que trouxe consigo a morte o tocou, e que naquele momento – e devido à cena que compôs aquele evento – seu corpo e psique encontravam-se anestesiados, sem a possibilidade de senti-lo. No entanto, passado o efeito da anestesia, os vestígios daquele terrível encontro começam a lhes corroer a alma, e é exatamente nesse momento que a ferida que ficou impressa como uma queimadura que arde e sangra, tanto no corpo físico quanto no corpo narcísico, torna-se consciente. Essa tomada de consciência, o reconhecimento da experiência de morte e quase-morte, constitui-se como o ato de sobreviver.

² Termo em japonês que significa sobrevivente da bomba atômica.

Todo final da tarde e início da noite do dia 6 de agosto, adultos, crianças e idosos - tanto japoneses quanto estrangeiros - reúnem-se às margens do rio Motoyasu para homenagear e lembrar das vítimas da bomba atômica. Para tanto, fazem flutuar pelo rio lanternas feitas de papéis coloridos, que levam em suas paredes mensagens de paz e de saudade.



A foto foi tirada no entardecer do dia 6 de agosto de 2010. Lembro-me que tirei a foto, porque as vozes e risadas das crianças ao colocarem suas lanternas coloridas no rio me surpreendeu. A alegria com que elas faziam as lanternas flutuarem me fez pensar nas milhares de crianças que no dia 6 de agosto de 1945, naquele mesmo local, choravam, gemiam de dor e proferiam suas últimas palavras antes de morrer. Essa contradição me deixou muito emocionada. Foto: Acervo pessoal



Esta foto foi tirada pela beleza e afeto da cena. A chegada da noite, o escurecer, fez com que as pessoas ficassem mais silenciosas contemplando as lanternas flutuarem, sendo levadas pela leve corrente do rio Motoyasu. Tive a sensação de que todos que estavam lá não apenas observavam, mas refletiam sobre a tragédia que assolou Hiroshima em 6 de agosto de 1945. Foto: Acervo pessoal

Ser um sobrevivente significa poder usar de sua mais profunda dor para estabelecer comunicação com os outros e com o mundo, e nesse processo aprender que é exatamente o sofrimento que nos faz cair na contingência do outro, que estabelece laços afetivos, que faz surgir na alma sentimentos como a solidariedade e a compaixão. É justamente no ato de não ceder às forças inerentes à violência, de persistir com e na dor, de lutar pelo não esquecimento e não repetição das catástrofes que lhes impôs tal sofrimento que o indivíduo se torna não apenas um sobrevivente, mas resistência, tomado por um sentimento político de responsabilidade social.

Solidariedade

Solidariedade e compaixão não são sentimentos que podem ser ensinados. Esses devem ser experienciados, pois são sentimentos embotados nas pessoas quando a dor do outro evoca intimamente as próprias vivências de sofrimento, através das quais surge um laço muito sensível que permite a comunicação e a transmissão. Esse laço, quando estabelecido pela solidariedade, contrapõe-se a atos de dominação e paternalismo em relação à experiência do outro que sofre, pois afasta a tentativa daquele que ouve de se colocar no lugar do outro, o que por si só é impossível, caracterizando-se como uma tentativa de colonização de uma vivência que não é a sua. A solidariedade não atua no colocar-se no lugar do outro, mas solicita viver a dor do outro separadamente dele, acessando suas próprias memórias

que, igualmente, muitas vezes não podem ser traduzidas pelas palavras. Dessa forma, a solidariedade é um laço que permite ao indivíduo estar na contingência de um sofrimento que não lhe pertence, mas que mesmo assim, toca-lhe profundamente. É uma linguagem que se faz da dor e na dor, e como foi brevemente apontado acima, a população japonesa conhece essa linguagem, e muitos de seus vínculos sociais são estabelecidos com base nela.

Takashi Teramoto³ é um sobrevivente de Hiroshima que tinha apenas 10 anos em 6 de agosto de 1945. Ao relatar suas memórias, ele conta que guarda uma lembrança em segredo. Narra um episódio ocorrido pouco tempo depois do bombardeio, período em que estava na casa de sua tia paterna em uma das regiões montanhosas que cercam a cidade de Hiroshima. Teramoto começou a apresentar severos sintomas da radiação, e frente ao seu adoecimento, seu pai – que no momento da explosão estava trabalhando em uma pequena ilha próxima à Hiroshima e, portanto, não fora diretamente atingido – colocou-o em suas costas e o levou ao médico na cidade vizinha. Este, após examiná-lo, não soube dizer de que doença se tratava, sabendo apenas que a mesma estava acometendo não apenas o menino, mas milhares de outras pessoas que examinara desde o ataque. Como não sabia que sintomas eram aqueles, também não tinha indicações de tratamento. A única hipótese que pôde formular era que a doença com a qual estavam lidando deveria ser contagiosa e letal. Portanto, alertou ao pai de Teramoto que mantivesse o filho em isolamento e o mais confortável possível, e que fosse se preparando para a morte da criança.

Teramoto não recorda de muitos detalhes, mas lembra-se vivamente de ter despertado com a voz sussurrante de seu pai que lhe pedia perdão. Percebeu que estavam parados à beira de um abismo onde havia uma ponte desabada, e ouviu o pai dizendo que iria pular. Naquele momento, Teramoto fez o máximo para não se mexer e não mostrar que estava acordado e escutando, permanecendo imóvel e em silêncio aguardando a decisão de seu pai. Diz emocionado que não tinha certeza se ele pularia ou não, mas agradece o fato de ele ter desistido da ideia. Compreende que, naquele momento, seu pai estava desolado e sentia que não possuía condições para continuar vivendo: perdera a esposa, familiares, amigos e absolutamente todos os bens materiais (casa, documentos, dinheiro, fotografias, roupas, entre outros). Tudo fora destruído na explosão.

Aparentemente, o pai de Teramoto fora inundado pelos enigmas humanos: como ter forças para continuar vivendo após o horror de Hiroshima? Como, por que e para quem deveria sobreviver? Talvez a violência, a frieza, a indiferença de humanos em relação a outros humanos tenha retirado as forças do pai de Teramoto naquele momento. No entanto, após longa reflexão, ele recuou da beira do abismo, caminhou para longe da ponte desabada, demonstrando que a bomba havia ganhado a guerra e derrotado o Japão, mas que de forma nenhuma derrotara a humanidade dos sobreviventes. Ao que tudo indica, a recusa do pai de ir ao encontro da morte, de não pular no abismo, foi guiada justamente pelas respostas dos enigmas que o tomaram: o menino que ele carregava nas costas era a prova de que, mesmo com tudo destruído, ainda restavam laços simbólicos pelos quais valia a pena sobreviver e viver. Seu filho era a comprovação de que a bomba não havia exterminado a possibilidade de se estabelecer comunidade entre os humanos, e enquanto esse sentimento perdurasse, valeria a pena viver pelo outro.

³ Entre os anos de 2010 e 2020, a autora realizou suas pesquisas de mestrado e doutorado no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Durante o período de doutoramento, esteve na Birkbeck University of London e na Hiroshima City University, em ambas as oportunidades com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Nesse período de 10 anos de estudo e pesquisa, a autora esteve em Hiroshima em três ocasiões, nas quais reuniu memórias de *hibakushas* que se encontram arquivadas no acervo do Memorial da Paz de Hiroshima. Também entrevistou longamente 14 sobreviventes, entre eles Takashi Teramoto e Shozo Kawamoto.

A história de Teramoto não é a única memória de dor e perda que permite ilustrar a solidariedade do povo japonês. Shozo Kawamoto, também com 10 anos em 6 de agosto de 1945, conta a história de sua mãe. No momento da explosão ele não estava na cidade, havia sido evacuado para um refúgio localizado a 50 quilômetros de distância de Hiroshima, mas sua mãe e seus irmãos mais novos estavam em casa. A onda de choque fez com que a casa da família desabasse, e a onda de calor fez com que o fogo se alastrasse rapidamente pelo bairro. A mãe de Kawamoto conseguiu se desvencilhar dos escombros, mas os dois filhos menores estavam presos de tal forma que era impossível salvá-los. O fogo estava se aproximando rapidamente e, em um ato de desespero, ouvindo os gritos que vociferavam “mãe!”, ela pulou no fogo. Ao contar essa memória, Kawamoto fica muito emocionado, e afirma que a mãe morreu por amor, percebendo que seu sacrifício fora uma demonstração de extrema generosidade.

No entanto, sem intenção e através de seus atos, tanto o pai de Teramoto quanto a mãe de Kawamoto deixaram para seus respectivos filhos uma dívida de amor, e ambos parecem perceber que uma dívida dessa natureza somente pode ser paga – no sentido figurado do termo – alcançando uma semelhante capacidade de amar, ou seja, sendo capaz de enxergar a dor dos outros, acolhê-los e fazer laços e comunidade com eles.

Resistência

As testemunhas das catástrofes do século XX – o elemento mais humano da experiência de morte imposta a serviço da dominação – aparecem nesses contextos como um contraponto à indiferença, à frieza estabelecida pela força brutal da violência. No caso do bombardeio atômico de Hiroshima, os *hibakushas* trazem em suas memórias não apenas elementos que fazem referência e ilustram o que viram naquele dia, mas também seus sentimentos e pensamentos ligados ao evento traumático, os quais são permeados por traços da cultura japonesa. A análise dessas histórias através da psicologia social e da psicanálise permite destacar os modos pelos quais os sobreviventes viveram e vivem o evento atômico, assim como apontam modos de reflexão e elaboração inerentes ao povo japonês.

Após a Segunda Guerra Mundial, foi socialmente conferido aos *hibakushas* um lugar paradoxal de sagrado e amaldiçoado. Sagrado, porque sobreviveram a um ataque nuclear, evento que deveria tê-los matado, mas que por alguma razão, que muitos atribuem à “sorte”, não morreram. Sobreviver consagrou aos *hibakushas* um lugar místico que chamo aqui de sagrado, que acaba por lhes conferir uma fantasia de poder perante a vida, um lugar de autoridade. Por outro lado, houve no período pós-guerra a estigmatização do *hibakusha* como aquele que está condenado à morte, uma vez que a radiação trouxera danos fisiológicos graves aos que foram expostos direta ou indiretamente à ela. Foi constatado que as doenças desencadeadas pela radiação não afetariam apenas os sobreviventes, mas também as próximas gerações, tendo em vista o comprometimento de suas células, incluindo as germinativas, o que atribuiu aos *hibakushas* um caráter amaldiçoado.

Consequentemente, esse estigma isolou os sobreviventes, que passaram a enfrentar, além da dor das inúmeras perdas impostas pelo ataque nuclear, a dor da discriminação em todas as esferas da vida social. S. Moritomi⁴, por exemplo, nunca quis falar sobre suas experiências de guerra e de vida até

² *Hibakusha* residente em Hiroshima. Sente dificuldade de falar sobre suas memórias e, por isso, conta sua história através de desenhos que produziu com base nas lembranças que tem do dia do bombardeio.

perceber que muitos jovens japoneses não conheciam sua própria história, tendo ouvido pessoas que minimizavam a catástrofe em questão, além de transmitirem informações erradas sobre o que aconteceu na cidade no dia da explosão. Isso lhe trouxe grande preocupação de que todo o sofrimento que ele e outros como ele enfrentaram pudesse terminar esquecido pela ação do tempo e pela falta de informação.

Percebeu que suas dores precisavam servir para transmitir o que foi o bombardeio atômico, para que ninguém mais necessitasse sobreviver a uma semelhante experiência de sofrimento e morte. Dessa forma, tanto Moritomi quanto outros *hibakushas* sentiram-se intimados a mostrar suas cicatrizes escondidas e testemunhar sobre a barbárie cometida pelo homem no contexto da Segunda Guerra Mundial, na esperança de que suas histórias pudessem denunciar o grande potencial destrutivo do homem quando não enxerga o outro como seu igual, quando busca dominá-lo, submetê-lo.

Em outras palavras, parte dessa resistência dos sobreviventes diz respeito ao elemento enigmático que envolve o bombardeio atômico de Hiroshima. A compreensão do poder aniquilador da arma nuclear provoca estranheza e objetifica a vida dos *hibakushas*, que percebem que para seus inimigos de guerra não eram suas vidas que importavam, mas suas mortes, que somadas em um número estrondoso confeririam poder à bomba.

Diante dessa difícil consciência, os sobreviventes são intimados e tomados por perguntas, por enigmas, que passam a assombrá-los justamente porque não podem ser completamente resolvidos, uma vez que as respostas vêm invariavelmente acompanhadas de novas perguntas ainda mais complexas, de modo que algo sempre parece lhes escapar: se a guerra estava no fim, por que jogar duas bombas atômicas? Como compreender que todo aquele horror que testemunharam no dia 6 de agosto de 1945 fora meticulosamente planejado e desejado? Após compreender que suas mortes valiam mais do que suas vidas por mera estatística com fins de dominação, é possível encontrar sentidos para continuar vivendo? O que lhes resta após testemunhar e sentir o peso da capacidade destrutiva do ser humano? Após a tragédia de Hiroshima, é ainda possível fazer comunidade entre os humanos?

Percebem ainda que para conseguirem uma ínfima resposta para esses enigmas é necessário que aprendam e traduzir justamente o elemento que parece sempre lhes escapar, elemento esse que diz respeito ao trauma psíquico. Segundo Gonçalves Filho⁵, ao tentar dar conta da ansiedade gerada pelas perguntas oriundas do trauma, o sobrevivente é levado a respondê-las de forma superficial, buscando silenciar o enigma sem de fato solucioná-lo. Porém, por não ter sido realmente respondido, o enigma rejeita a superficialidade das respostas rápidas e, retorna para assombrar o *hibakusha* por meio da angústia, que só poderá ser enfrentada se o evento traumático puder adentrar à esfera social.

Essa assombração traumática foi trabalhada por Frosh (2018) com a intenção de discutir o elemento inquietante proveniente das experiências traumáticas, no campo histórico-político, as catástrofes oriundas de crimes contra a humanidade como, entre outros, o genocídio dos Armênios, o Holocausto, o Bombardeio Atômico, a invasão de Aleppo, fatos históricos que deixaram para trás sobreviventes, que passam a ser acompanhados pelos milhares de fantasmas, ou seja, pelas representações das milhares de vidas que foram exterminadas por interesses outros aqueles da preservação da vida, mas com finalidades hegemônicas. Esses fantasmas assombram em prol de uma constante luta contra o esquecimento, incomodam porque buscam reconhecimento e clamam por justiça, sem a qual jamais poderão descansar em paz.

⁵ Conteúdo retirado das aulas ministradas pelo Prof. Dr. José Moura Gonçalves Filho de agosto a novembro de 2017 no IP/USP, no âmbito do curso de pós-graduação *Humilhação social: alguns elementos para o exame psicológico de um sofrimento político*.

No entanto, enquanto a humanidade corre o risco de cometer os mesmos crimes, esses fantasmas continuaram assombrando e causarão nos sobreviventes o sentimento de resistência. Essa é demonstrada por centenas de sobreviventes e potencializa o surgimento, naqueles que os escutam, de uma identificação singular, mediada pelo sentimento de solidariedade, de compaixão, uma estranha e íntima compreensão das palavras e vivências do outro que adentram a alma de quem ouve, intimando-o a refletir sobre a violência que lhe fora contada e transmitida, fazendo brotar um senso de responsabilidade social.



O Domo da Bomba Atômica (antigo *Hiroshima Prefectural Industrial Promotion Hall*), apesar de muito próximo do epicentro da explosão, foi um dos poucos prédios que não foi totalmente destruído no bombardeio atômico. Segundo o *Hiroshima Interpreters for Peace* (2005), o monumento foi incluído como Patrimônio Mundial pela UNESCO em 1996.

Durante o período em que estive em Hiroshima no ano de 2010 reunindo material para a minha pesquisa de mestrado, adquiri o hábito de sentar-me ao entardecer em um dos bancos do Parque Memorial da Paz de Hiroshima. Esse banco ficava do outro lado do rio Motoyasu, bem em frente ao Domo da Bomba Atômica. Costumava ficar olhando para ele e pensando sobre e nas memórias que havia lido ou escutado naquele dia. Essa foto foi tirada em uma dessas ocasiões. Foto: Acervo pessoal

Responsabilidade Social

Como argumentado acima, um expressivo número de sobreviventes encontra na resistência uma forma de lutar pela paz, pelo desarmamento nuclear e pelo não esquecimento da tragédia de Hiroshima; encontra na militância uma forma de dar corpo, materialidade àquela dívida de amor deixada pelas milhares de vítimas da bomba – como na história do pai de Teramoto e da mãe de Kawamoto – e, em muitos casos, sua expressão se deu através de um trabalho muito sensível no grupo de Voluntários da Paz no Memorial da Paz de Hiroshima.

Os Voluntários da Paz são grupos formados por *hibakushas*, familiares das vítimas e estudiosos, que se dedicam a acompanhar os visitantes do memorial tanto pela exposição do Museu Memorial da Paz de Hiroshima, quanto pelos monumentos que estão localizados e espalhados pelo Parque Memorial da Paz de Hiroshima. Eles ocupam o lugar do elemento humano que narra, explica, tira dúvidas e conta não apenas o que aconteceu na cidade no dia da explosão, mas dão voz às milhares de vítimas que morreram em decorrência do bombardeio; tornam íntima e profunda a experiência dos visitantes; são responsáveis por fazer surgir, nesse delicado espaço de comunicação, a solidariedade e a responsabilidade social, sentimentos que, como comentado anteriormente, permitem uma determinada compreensão do que aconteceu na cidade no final da Segunda Guerra Mundial.

A atividade dos Voluntários da Paz, portanto, é um trabalho muito potente e, por essa razão, são eles que guiam as crianças e jovens que mensalmente visitam o memorial. O mesmo motivo que rompeu o silêncio de Moritomi – e apoiados pelos dados das escolas que apontavam que grande parte das crianças e jovens residentes de Hiroshima sabiam muito pouco sobre o bombardeio atômico e, em muitos casos, desconheciam suas próprias histórias familiares⁶ – fez com que o governo de Hiroshima tornasse as visitas ao Memorial da Paz uma atividade obrigatória para as escolas. Essa medida visa uma forma de chamar os jovens à reflexão, a construírem com maior propriedade suas próprias narrativas, despertar neles a responsabilidade social e, conseqüentemente, a militância pela paz. Além das crianças e jovens de Hiroshima, os voluntários da paz afirmam receberem também visitas de escolas de muitas outras regiões do Japão, e até mesmo de outras partes do mundo, incluindo estudantes norte-americanos.

Como uma luta contra o esquecimento, e em homenagem às vítimas do bombardeio nuclear, a cidade de Hiroshima promove uma cerimônia todo dia 6 de agosto com início às 8:15 da manhã, horário em que a bomba atômica de urânio Little Boy foi lançada sob o céu claro de Hiroshima pelo B-29 norte-americano, Enola Gay. Nessa ocasião, a instituição promove palestras sobre o tema, sessões de testemunhos com sobreviventes e discursos de representantes das organizações de *hibakushas*, estudantis, e do prefeito da cidade.

No final da tarde, o rio Motoyasu, em frente ao Domo da Bomba Atômica⁷, fica repleto de lanternas coloridas decoradas com desenhos e mensagens de paz, representando as milhares de pessoas que morreram no dia da explosão e em decorrência dela. Ao anoitecer, a paisagem torna-se fortemente carregada de uma emoção peculiar e fixa-se na memória de quem a testemunha: sob o céu escuro da noite, o Domo é iluminado por seus holofotes que lhe conferem grande imponência na cena. Ele está localizado à margem do rio Motoyasu que corre repleto de lanternas retangulares coloridas que retêm sob seus pequenos e delicados espaços internos o fogo que um dia se alastrou grotescamente e sem controle pela cidade, consumindo tudo e todos em seu caminho, mas que agora flutua cercada por paredes de papel gravadas por mensagens de saudade, amor e paz. Mensagens humanas que ocupam e movem-se com leveza por toda a extensão do rio, prometendo jamais esquecerem das almas que ali descansam. Lanternas colocadas na superfície da água por aqueles que foram tocados pela dor de Hiroshima, que carregam dentro de si a responsabilidade de continuarem contando as milhares de histórias que hoje jazem inscritas em suas memórias.

Na última entrevista que Kawamoto concedeu à autora, ele trouxe consigo duas dobraduras: um *tsuru*⁸ e um avião feito de papel com pequenos *tsurus* no lugar dos pilotos⁹. Explicou que o *tsuru* é o legado deixado por Sadako Sasaki, uma *hibakusha* que tinha apenas dois anos no dia da explosão atômica em Hiroshima e que aos 12 anos foi diagnosticada com leucemia. Ela acreditava que se conseguisse produzir mil *tsurus*¹⁰ não morreria. Infelizmente, ela faleceu antes que pudesse terminar de dobrar os origamis.

⁶ O desconhecimento de muitos jovens sobre suas próprias histórias se deu, dentre outros fatores, pela forte discriminação sofrida pelos *hibakushas* nos anos do pós-guerra, o que em muitos casos os fizeram esconder suas condições de sobreviventes de suas famílias – até mesmo para terem o direito de formarem uma.

⁷ Antigo *Hiroshima Prefectural Industrial Promotion Hall*. Sua cúpula – domo – sobreviveu à explosão atômica apesar de sua grande proximidade do epicentro. O prédio está localizado a poucos metros do alvo original para o bombardeio, a Ponte Aioi, e foi incluído pela UNESCO à lista de Patrimônio Mundial em 1996.

⁸ *Tsuru* é uma ave japonesa (grou) que representa, entre outros, saúde e longevidade.

⁹ Em outra ocasião, antes de a autora partir de Hiroshima, Kawamoto a presenteou com outros *tsurus* e aviões para serem doados tanto para pessoas quanto para instituições que apoiassem o trabalho e a pesquisa relacionada aos *hibakushas*, como uma forma de agradecimento pela transmissão das suas memórias.

¹⁰ Há uma crença no Japão de que a cada mil *tsurus* dobrados um desejo é realizado.

Kawamoto diz que, por esse motivo, os *hibakushas* continuarão dobrando os *tsurus* em nome de Sadako, num ato de solidariedade, resistência e responsabilidade social, para que nenhuma criança no mundo venha a morrer novamente daquela forma. Explica que o *tsuru* representa a esperança de um mundo sem guerras no qual as crianças possam ser crianças, possam desejar mais do que sobreviver: possam viver sem sofrimento.

Sobre o avião, Kawamoto explica que durante a guerra não havia brinquedos e o papel era uma preciosidade. Entretanto, por ter pertencido à Marinha, o pai de Kawamoto por vezes conseguia esse material. Escondida, sua mãe dobrava aviões para os filhos brincarem. Dessa forma, Kawamoto diz que o avião de papel é o legado de sua mãe: uma mulher que, no meio da guerra, fez brinquedos para os filhos e lançou-se ao fogo para que dois deles não morressem sozinhos. Conta que fez os aviões sendo pilotados pelos *tsurus* de modo que o legado de sua mãe esteja sempre acompanhado do legado de Sadako: amor e esperança.

Com seu presente tão profundamente simbólico, Kawamoto deixa claro que grande parte da população japonesa seguirá lembrando da história do Japão, lutando contra o esquecimento, aprendendo com seus erros, investindo na capacidade da comunicação pela dor e na escuta pela solidariedade, sendo resistência e se comprometendo com o sentimento de compromisso com o outro, o sentimento de responsabilidade social.

E isso fez surgir na cultura japonesa traços que permitem à população continuar enfrentando, sobrevivendo e superando catástrofes e outros eventos traumáticos. Aparentemente, foi com base nesses traços que as autoridades japonesas acreditaram que seria possível enfrentar a pandemia do Covid-19 com medidas mais flexíveis, mantendo as atividades econômicas e contando com a educação e o respeito às normas sociais, confiando no senso de responsabilidade social historicamente desenvolvido no cerne de sua cultura.

Considerações Finais

Como argumentado ao longo do texto, os japoneses desenvolveram a partir das muitas catástrofes que vivenciaram, e conseqüentemente dos sofrimentos que enfrentaram ao longo de sua história, traços afetivos que permitiram que suas almas¹¹ se tornassem mais humanas. Essa humanização se deu através de uma consciência de suas condições de sobreviventes, a qual surge acompanhada de muitos enigmas ligados à destruição, morte, perda e esquecimento. Para que esses enigmas possam ser minimamente respondidos – e a busca por essas respostas faz-se imperativa, pois percebem que são nelas que jazem o sentido da vida – é necessário a disponibilidade de ser tomado pela dor do outro, ser tocado pelo sofrimento social, na intenção de fazer brotar na alma o sentimento de solidariedade.

A pessoa capaz de solidariedade é capaz de enxergar o outro, acolher suas memórias e experiências sem colonizá-las, sem tomá-las para si, estabelecendo uma comunicação muito íntima através de um encontro de vulnerabilidades, em uma comunicação da e na linguagem da dor, uma troca na qual se vislumbra encontrar respostas para aqueles enigmas. Nesse processo a pessoa torna-se resistência e, percebe que para compreender tanto aqueles enigmas quando suas respostas, precisa voltar-se para o espaço sócio-político, desenvolvendo o sentimento de responsabilidade social.

¹¹ Utilizo a palavra “alma” no sentido de humanidade, a essência afetiva do ser humano.

A pessoa capaz de solidariedade é capaz de enxergar o outro, acolher suas memórias e experiências sem colonizá-las, sem tomá-las para si, estabelecendo uma comunicação muito íntima através de um encontro de vulnerabilidades, em uma comunicação da e na linguagem da dor, uma troca na qual se vislumbra encontrar respostas para aqueles enigmas. Nesse processo a pessoa torna-se resistência e, percebe que para compreender tanto aqueles enigmas quando suas respostas, precisa voltar-se para o espaço sócio-político, desenvolvendo o sentimento de responsabilidade social.

Aparentemente é nesse processo que os japoneses compreenderam que ser-humano – como trabalhado pelo psiquiatra e psicanalista Takeo Doi (2014) em *The Anatomy of Dependence*¹² – é ser dependente do outro, é cair e ficar na contingência do outro. Perceberam ainda que é justamente através do laço social, do laço de amor, que é possível a construção e a sustentação dos desejos e das faltas, elementos essenciais tanto para a própria sobrevivência psíquica quanto para a sobrevivência, ou melhor, para a vida daqueles que se ama, em cujos laços, portanto, a pessoa se constrói e existe.

No entanto, apesar do povo japonês ter desenvolvido e cultivado a duras penas esses traços, eles não atuam como um impedimento para os pesares provenientes de novos cenários sócio-políticos e/ou catástrofes mundiais. As feridas passadas, como em todos os casos que envolvem aprender com a experiência, não faz com que as pessoas deixem de sofrer, mas lhes garantem melhores formas de pensar os problemas a serem enfrentados e de determinar ações inerentes a eles, processo esse que exige atenção e cuidado para que essa travessia possa ser bem sucedida.

Nesse ponto, retornaremos para a questão da pandemia do Covid-19. Como comentado anteriormente, o Japão adotou medidas de enfrentamento que contavam majoritariamente com a capacidade da população de aprender a conviver com o novo vírus, uma vez que as autoridades sabiam que a erradicação do mesmo seria impossível, e através de alguns traços culturais (uso de máscaras, distanciamento social, entre outros) esperavam controlar a disseminação da doença.

Apesar dos bons resultados em números de contaminados e mortes se comparados com outros países, como o Brasil por exemplo, e de sua população de fato ter cumprido com os comportamentos esperados pelo governo quando determinaram as medidas de combate, as pessoas não ficaram totalmente imunes aos reflexos afetivos provocados pelo cenário de pandemia mundial, necessitando de um determinado cuidado psíquico que, em muitos casos, não foi possível e que, portanto, ainda pede atenção.

As supervisões clínicas dos profissionais da saúde mental que atuam no Japão assim como o atendimento clínico à comunidade brasileira que reside naquele país, têm demonstrado que, assim como está sendo observado no Brasil, queixas de crises de ansiedade aumentaram em decorrência do cenário pandêmico. Muitas são as hipóteses para esse aumento e, nos casos acompanhados no e do Japão, aparentemente há ligações entre os períodos enfrentados de estado de emergência¹³ – nos quais por ordem do governo houve uma terminante restrição de circulação de pessoas nos espaços públicos –, o isolamento social e, simultaneamente, a demanda pela manutenção das atividades em quase todos os setores.

¹² *A Anatomia da Dependência*. (Trad. Nossa).

¹³ O *lockdown* praticado nos países ocidentais não é o mesmo daquele praticado pelo Japão. As razões para isso encontram-se nas mudanças sofridas pela constituição japonesa após a derrota do país na Segunda Guerra Mundial. Desta forma, o governo japonês pode pedir à sua população que se atente ao estado de emergência provocado pela pandemia, que evite aglomerações e evite circular no espaço público, porém não possui o poder de punir seus cidadãos no caso do descumprimento desses.

Dessa forma, o sofrimento relatado pelos japoneses, nikkeis e brasileiros não descendentes de japoneses residentes no Japão, tem se mostrado com origens semelhantes àquele encontrado em outros lugares do mundo: ansiedade frente as novas determinações, restrições e demandas para sobreviverem ao, e viverem o momento de pandemia.

Nesse sentido, crianças e educadores, por exemplo, precisaram se adaptar rapidamente com as novas plataformas de ensino e aprendizagem remotas, o que trouxe a necessidade de rápidas mudanças pedagógicas e metodológicas, sobrecarregando tanto os educadores quanto os alunos, que passaram a ter uma carga extra emocional para somarem ao cenário do vírus mortal. O isolamento social trouxe ainda um outro peso a ser adicionado a esse quadro. Sem poder ter contato pessoal com familiares, namoradas/os, amigas/os, colegas de escola e trabalho, fez com que o espaço fundamental nos quais os laços afetivos são cultivados e investidos, as trocas simbólicas realizadas, ficassem temporariamente restritas aos ambientes virtuais, que nesses casos estão longe de cumprirem devidamente suas funções. No Brasil entre crianças e jovens em idade escolar foi observado um aumento considerável nos sentimentos de irritabilidade, crises de choro, tristeza, um aumento na medicalização psiquiátrica, e até mesmo nos índices de suicídio.

No caso dos adultos, a maior queixa diz respeito a manutenção do mesmo desempenho e produtividade no trabalho remoto daquele que tinham no trabalho presencial. A essa exigência somou-se o fato de que os limites entre a vida privada e a vida profissional foram dissolvidos, criando um cenário no qual a esfera do trabalho invadiu o espaço familiar e vice versa. Essas novas configurações dos espaços casa-trabalho foram motivo de grandes sentimentos de ansiedade principalmente pela dificuldade em administrá-los.

O sentimento de ansiedade proveniente de todos os cenários descritos acima precisou ser pensado e trabalhado pelos profissionais da saúde mental de forma cuidadosa, levando em conta não apenas a visão psicanalítica e psicológica que constitui a psique humana, mas o cenário sócio-político: a pandemia de um vírus mortal, de fácil transmissão, que impôs mudanças abruptas, rápidas e muito restritivas em todas as esferas das vidas das pessoas. Além dos medos e das exigências impostas por esse momento peculiar de saúde pública e mundial, milhares de pessoas morreram vítimas da nova doença impondo, ainda, perdas dolorosas a milhares de outras que, em meio ao caos, precisou lidar com o luto. Nesse caso, a pressa nos momentos dos enterros – que têm como intenção evitar a disseminação do vírus – agrava o sofrimento, uma vez que não há tempo para que familiares e amigos se despeçam daqueles que morreram subitamente em decorrência do Covid-19.

Sendo assim, é importante ressaltar a importância do cuidado psíquico e afetivo nesse momento de crise pandêmica, pois como demonstrado e comprovado pela própria história, é justamente através do desenvolvimento e da elaboração das emoções que as pessoas se tornam capazes de fazer e investir nos laços simbólicos, afetivos e sociais. E são justamente esses laços, o fazer comunidade, que traz sentidos à existência humana.



Pessoas na margem do rio Motoyasu observando as lanternas coloridas em homenagem às vítimas da bomba atômica. À direita, iluminado, encontra-se o Domo da Bomba Atômica. Foto: Acervo pessoal

Referências bibliográficas

DOI, T. *The Anatomy of Dependence*. New York: Kodansha USA, Inc., 2014, 180p.

FREUD, S. (1920). *Mais além do princípio do prazer*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras Completas de Sigmund Freud, v. 14).

_____. (1930). *O mal-estar na civilização*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras completas de Sigmund Freud, v. 18).

FROSH, S. *Assombrações: psicanálise e transmissões fantasmagóricas*. Trad. Cristiane I. Nakagawa. São Paulo: Benjamin Editorial, 2018. 206 p.

GONÇALVES FILHO, J. M. Humilhação social: um problema político em Psicologia. *Psicologia USP*, v. 9, n. 2, p. 11-67, 1998.

_____. A memória da casa e a memória dos outros. *Travessia*, a. 11, n. 2, set/dez. 1998.

_____. A invisibilidade pública. In: COSTA, F. B. da. *Homens invisíveis: relatos de uma humilhação Social*. São Paulo: Globo, 2004. p. 1-27.

HIROSHIMA JOGAKUIM ALUMINI ASSOCIATION COLLECTION OF MEMOIRS COMMEMORATING THE 60TH ANNIVERSARY OF THE ATOMIC BOMB. *For those who pray for peace*. Hiroshima: Matsui Printing, 2005.

HIROSHIMA PEACE CULTURE FOUNDATION. *Eyewitness testimonies appeals from the a-bomb survivors*. 4. ed. Hiroshima: Nakamoto Sogo Printing, 2009.

HIROSHIMA PEACE MEMORIAL MUSEUM. *The spirit of Hiroshima*. Hiroshima: The City of Hiroshima, 1999.

KOSAKAI, Y. *Hiroshima peace reader*. Hiroshima: Hiroshima Peace Culture Foundation, 1980.

LIMA, L. A polêmica estratégia do Japão de “conviver com o vírus” durante a pandemia. *BBC News Mundo*, 7 de out. 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-54447391>>. Acesso em: 19 de nov. 2020.

NAKAGAWA, C. I. *Hiroshima: a catástrofe atômica e suas testemunhas*. 2014. Dissertação (Mestrado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano)- Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

_____. *Trauma e sentido, culpa e perdão, vergonha e honra nos hibakushas: um estudo de testemunhos e seus paradoxos*. 2020. Tese (Doutorado em Psicologia Social)- Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

TAKAYAMA, H. *Hiroshima in memoriam and today*. 2. ed. Hiroshima: The Himat Group, 2000.